



Subaproveitamento de plantas alimentícias não convencionais (PANC) na agricultura familiar

Underuse of unconventional food plants (PANC) in family farming

CAVALCANTE, Larisse Maria de Azevedo¹; MOTA, Jefferson Pietroski²; FARIAS, Ana Clara Alves³; RESENDE-BRAGA, Maraísa⁴; WITTMAN, Hannah⁵, SIDDIQUE, Ilyas⁶

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, larisse.cavalcante@engenharia.uff.br; ² Universidade Federal de Santa Catarina, jeffagronomourbano@gmail.com; ³ Universidade Federal de Santa Catarina, frs.clara@gmail.com; ⁴ Universidade Federal de Santa Catarina, bragamaraisa@gmail.com; ⁵ Universidade da Colúmbia Britânica, hannah.wittman@ubc.ca; ⁶ Universidade Federal de Santa Catarina, ilysid@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: Biodiversidade e conhecimentos dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: A agroecologia visa conservar a biodiversidade através do seu uso sustentável valorizando o conhecimento tradicional. Plantas alimentícias não convencionais (PANC) representam um papel essencial nesse contexto, uma vez que têm potencial para sustentar a soberania alimentar e promover a geração de renda. Este trabalho teve por objetivo analisar o potencial subaproveitado para consumo e comercialização de PANC por agricultores familiares agroecológicos na Grande Florianópolis, SC. Para isso, foi realizado um levantamento em campo por meio de entrevistas seguidas de uma caminhada pelo estabelecimento agrícola. Concluiu-se que os agricultores apresentavam um vasto conhecimento a respeito da comestibilidade das plantas, entretanto, isso não se refletiu no consumo das mesmas. Uma riqueza de espécies de PANC ainda menor era destinada à comercialização. Ressalta-se a necessidade de ações de divulgação sobre a identificação, consumo e modos de preparo de PANC com agricultores e consumidores, assim como a implementação de melhores estruturas logísticas que promovam a comercialização de uma produção mais diversificada.

Palavras-chave: agrobiodiversidade; conhecimento popular; conservação pelo uso; plantas espontâneas comestíveis; diversificação produtiva.

Introdução

A agricultura industrial tem causado a perda da diversidade biocultural e, conseqüentemente, da transmissão do conhecimento sobre o uso e manejo das plantas (PADULOSI et al., 2013). Em contraponto, a agroecologia visa a maximização da biodiversidade por meio do uso de espécies e variedades localmente adaptadas, valorizando assim o conhecimento tradicional e gerando e agroecossistemas mais saudáveis (GLIESSMAN, 2015).

Plantas alimentícias não convencionais (PANC) têm um importante papel na diversificação, sendo principalmente utilizadas para autoconsumo devido ao alto potencial alimentício e nutricional. A categorização de uma planta como PANC varia



conforme a localidade, pois uma espécie pode ser não convencional em um local, mas ser amplamente consumida em outro. Entretanto, devido à globalização alimentar e à erosão da riqueza cultural, as PANC são desconhecidas por grande parte da população e permanecem pouco consumidas (KINUPP; LORENZI, 2014). PANC podem ser espontâneas ou cultivadas, exóticas ou nativas, sendo que algumas se encontram em risco de extinção (KINUPP; LORENZI, 2014). Portanto, o uso das mesmas em agroecossistemas pode contribuir para a conservação destas espécies (LIMA et al., 2022).

Em regiões onde os agricultores recebem pouca assistência e crédito, a diversidade de culturas desempenha um papel importante na redução de riscos e da pobreza (BOZZOLA; SMALE, 2020). O uso de plantas negligenciadas, com alto valor de mercado, ou beneficiadas, podem contribuir para o aumento da produtividade, e geração de renda dos agricultores (ROEST; FERRARI; KNICKEL, 2017). Diante da demanda crescente dos consumidores por PANC, a inserção destas espécies nos agroecossistemas pode ser vista como uma oportunidade para os agricultores, além de contribuir para a adesão de mais consumidores (DAROLT, 2021).

Dessa forma, o presente trabalho tem por objetivo analisar o potencial subaproveitado para autoconsumo, trocas, doação e comercialização de plantas alimentícias não convencionais por agricultores familiares agroecológicos no estado de Santa Catarina.

Metodologia

Este trabalho foi realizado em 24 estabelecimentos agrícolas localizados principalmente na Grande Florianópolis, SC, abrangendo 12 municípios. Os atores sociais eram, em sua maioria, agricultores agroecológicos familiares certificados pelo sistema participativo de garantia (SPG) da Rede Ecovida. As coletas foram realizadas entre setembro de 2022 e março de 2023.

A primeira etapa do trabalho de campo constituiu-se em uma entrevista semi-estruturada por meio do método de listagem livre (CABALZAR et al., 2017), visando identificar PANC destinadas para autoconsumo, troca e/ou doação, e para comercialização. Em seguida, a equipe de campo e os agricultores percorreram o estabelecimento (horta, roça, pastagem e áreas naturais) com o objetivo de identificar plantas alimentícias potenciais não utilizadas como alimento, ou aquelas utilizadas, mas que o(a) entrevistado(a) não mencionou durante o questionário, registrando também se os agricultores reconheciam a comestibilidade das plantas. Espécies de plantas cultivadas anteriormente, que foram naturalizadas, e que continuavam brotando espontaneamente no solo, foram classificadas como espontâneas.

O banco de dados de cotações diárias de produtos da Central de Abastecimento de Santa Catarina (CEASA/SC, 2023) do ano de 2022 foi utilizado como critério de categorização das espécies como PANC, uma vez que essa varia conforme a



localidade. Portanto, as plantas que constavam no banco de dados do CEASA/SC não foram consideradas PANC, sendo assim removidas da base de dados coletados.

Resultados e Discussão

Das 203 plantas catalogadas, 191 foram identificadas a nível de espécie. As demais não foram vistas em campo com partes reprodutivas (flores e/ou frutos), e portanto, só foram registradas a nível de gênero, pois eram plantas utilizadas como alimento pelas famílias agricultoras, como o maracujá nativo (*Passiflora spp.*) e o ingá (*Inga spp.*). Da totalidade de espécies observadas, 49% eram nativas, como a *Leandra australis* (pixirica) e 51% exóticas, e.g. *Dioscorea bulbifera* (cará-moela).

Houve uma predominância de duas famílias botânicas (Figura 1). As mirtáceas representaram 14% do total de espécies observadas, com a presença diversas de frutíferas nativas, e.g. *Campomanesia littoralis* (guabiroba da praia) e *Plinia Edulis* (cambucá). As asteráceas também tiveram alta representatividade, correspondendo a 12% das espécies identificadas, e.g. *Bidens pilosa* (picão preto) e *Lactuca indica* (almeirão roxo).



Figura 1. Número de espécies de PANC por família botânica encontradas em estabelecimentos agrícolas da Grande Florianópolis, SC.

A espécie mais observada nos estabelecimentos foi a *Psidium cattleyanum* (araçá), árvore nativa pertencente à família Myrtaceae, sendo registrada em 58% dos estabelecimentos amostrados. Entre os quais, todos reconheciam a espécie como comestível. Em apenas dois estabelecimentos a planta não era destinada para autoconsumo, troca ou doação. E apenas um estabelecimento realizava a comercialização do fruto, o qual possuía diversos sistemas agroflorestais com alta



diversidade de espécies comestíveis. Em 71% dos estabelecimentos, a espécie era cultivada, e 29% era espontânea.

As famílias agricultoras reconhecem cerca de 93% da comestibilidade relativa ao total de espécies identificadas em cada local (Figura 2). Esse fato pode ser explicado por se tratarem de estabelecimentos de agricultura familiar, atores chaves na manutenção e disseminação do conhecimento tradicional (SCHMITT, n.d.). Além disso, apesar de nem todos os estabelecimentos possuírem certificação orgânica, todos eram caracterizados como agroecológicos, visto que não utilizavam em sua produção insumos de síntese química, trabalhavam com sistemas com um alto grau de diversificação e, em geral, comercializavam seus produtos por meio de circuitos curtos de comercialização que favorecem uma proximidade entre agricultores e consumidores, reforçando novas relações nos sistemas alimentares, o que é essencial para a transição agroecológica (GLIESSMAN, 2015).

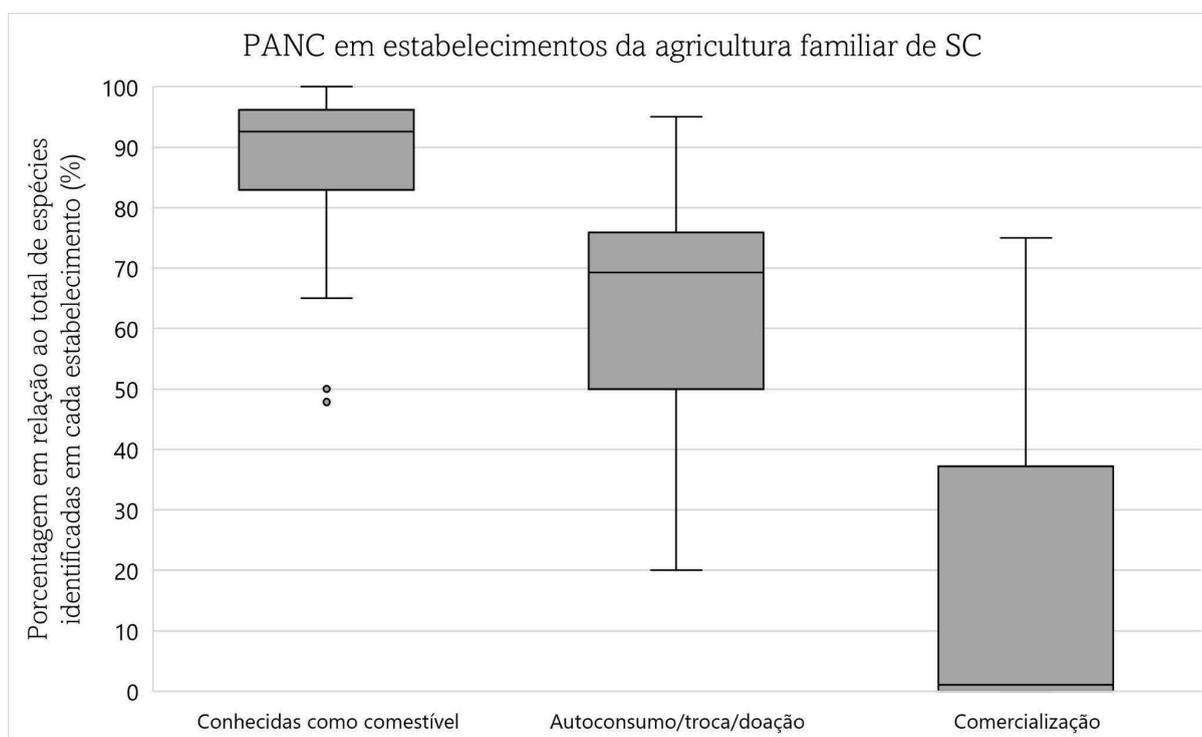


Figura 2. Conhecimento e uso de PANC por agricultores familiares em SC. O grupo de espécies de PANC comercializadas é um subconjunto das espécies destinadas para autoconsumo, troca ou doação, o qual é um subconjunto das espécies que têm sua comestibilidade conhecida por parte dos agricultores.

As famílias agricultoras utilizavam para autoconsumo, troca e/ou doação cerca de 69% das plantas identificadas. Houve uma discrepância ainda mais acentuada com relação à comercialização, uma vez que os agricultores vendiam apenas 1% do total de plantas alimentícias não convencionais identificadas nos estabelecimentos. Além disso, a metade dos estabelecimentos não comercializavam nenhuma das espécies de PANC identificadas nos respectivos estabelecimentos. As famílias relataram



questões com relação à demanda, afirmando que muitas vezes não há procura de PANC por parte dos consumidores, o que reitera a importância da divulgação do conhecimento e uso dessas plantas a um público geral. Além disso, os agricultores comentaram sobre a importância de esquemas de entrega de cestas aos consumidores, o que favorece a oferta e disseminação do conhecimento sobre as PANC (PUGAS; ROVER, 2021).

Conclusões

No geral, as famílias agricultoras possuíam um amplo conhecimento a respeito da comestibilidade das plantas. Entretanto, esse conhecimento não foi refletido no uso dessas espécies no consumo. Já o potencial de comercialização é muito pouco explorado, o que segundo os agricultores, ocorre principalmente devido à falta de demanda dos consumidores. Salienta-se a necessidade de expansão de divulgação do conhecimento de PANC, englobando ações com agricultores e consumidores. Além disso, é necessário que sejam estruturadas cadeias de comercialização mais adequadas à agricultura diversificada.

Agradecimentos

Agradecemos: às famílias agricultoras que disponibilizaram seu precioso tempo e compartilharam seu conhecimento com a equipe de campo; ao Social Sciences and Humanities Research Council (SSHRC) e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro; ao Centro de Estudos e Promoção da Agricultura de Grupo (CEPAGRO) pela parceria; e aos colegas André Giles e Zimbábwe Osório-Santos por contribuírem na elaboração do resumo.

Referências bibliográficas

BOZZOLA, Martina; SMALE, Melinda. The Welfare Effects of Crop Biodiversity as an Adaptation to Climate Shocks in Kenya. **World Development**. v.135, p. 105065-105075. 2020.

CABALZAR, Aloísio; FONSECA-KRUEL, Viviane S.; MARTINS, Luciana; MILLIKEN, William; NESBIT, Mark. **Manual de etnobotânica: plantas, artefatos e conhecimentos indígenas**. São Paulo: Instituto Socioambiental; São Gabriel da Cachoeira, AM: Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), 2017.

CEASA/SC (Centrais de Abastecimento do Estado de Santa Catarina). Cotação de Preços. Disponível em: <https://www.ceasa.sc.gov.br/index.php/cotacao-de-precos/2022>. 2022.

DAROLT, Moacir R. Feiras Orgânicas E Agroecológicas Públicas: o caso de Curitiba-PR. In: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. (org.). **Circuitos Curtos de**



Comercialização, Agroecologia e Inovação Social. Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021. p.157-169.

GLIESSMAN, Stephen R. **Agroecology: the ecology of sustainable food systems.** 3 ed. Boca Raton: CRC Press, 2015.

KINUPP, Valdely F.; LORENZI, Harri. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas.** São Paulo: Instituto Plantarum de Estudos de Flora, 2014.

LIMA, Valdeir P.; LIMA, Renato A. F.; JONER, Fernando; SIDDIQUE, Ilyas; RAES, Niels; STEEGE, Hans. Climate Change Threatens Native Potential Agroforestry Plant Species in Brazil. **Scientific Reports.** v.12. 2022.

PADULOSI, Stefano; THOMPSON, Judith; RUDEBJER, Per. **Fighting poverty, hunger and malnutrition with neglected and underutilized species (NUS): needs, challenges and the way forward.** Rome: Bioversity International. 2013.

PUGAS, Adevan S.; ROVER, Oscar J. A. Comercialização de Alimentos Orgânicos nas Regiões Metropolitanas do Sul do Brasil: uma análise a partir da diversificação produtiva. In: DAROLT, M. R.; ROVER, O. J. (org.). **Circuitos Curtos de Comercialização, Agroecologia e Inovação Social.** Florianópolis: Estúdio Semprelo, 2021. p.46-62.

ROEST, Kees; FERRARI, Paolo; KNICKEL, Karlheinz. Specialisation and economies of scale or diversification and economies of scope? Assessing different agricultural development pathways. **Journal of Rural Studies.** v.59, p.222-231. 2018.

SCHMITT, Claudia. A Biodiversidade como Bem Comum: cenários, avanços e desafios. In: ARTICULAÇÃO NACIONAL DE AGROECOLOGIA (ANA); TERRA DE DIREITOS. **Agrosociobiodiversidade: direitos, democracia e agroecologia no campo e na cidade.** 2018.